

**Projetos de vida de juventudes camponesas:
entre o campo e a cidade**

***Proyectos de vida de juventudes campesinas:
entre el campo y la ciudad***

***Life projects of rural youth:
between the countryside and the city***

Romildo de Souza Fernandes

Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Salvador/BA – Brasil

Domingos Rodrigues da Trindade

Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Salvador/BA – Brasil

Maria de Fátima Pereira Carvalho

Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Salvador/BA – Brasil

Resumo

As juventudes passaram despercebidas na sociedade durante muito tempo e, quase invisíveis, aquelas residentes no campo. Nesse sentido, este estudo parte da seguinte questão de pesquisa: Como os/as jovens do campo do município de Guanambi-Bahia, pensam e/ou elaboram seus projetos de vida? E para responder essa e outras questões, o trabalho procurou analisar os projetos de vida de jovens do campo no município de Guanambi-Bahia, no sentido de entender os fatores que os influenciam em tempos de incertezas. A abordagem metodológica utilizada se pautou na pesquisa qualitativa, realizada por meio de entrevistas narrativas com dez jovens do campo. A investigação apontou que os fatores que influenciam na idealização dos projetos de vida dos/as jovens interlocutores/as da pesquisa, com vistas à permanência, são os de caráter afetivos, que se expressam pelo desejo de constituição familiar e investimentos no campo, próximo aos entes queridos. Por outro lado, aspectos como a falta de emprego e políticas públicas, bem como o difícil acesso aos serviços essenciais como saúde, educação e lazer são fatores que explicitam seus desejos de saída do campo para a cidade.

Palavras-chave: campo e cidade, jovens do campo, projetos de vida.

Abstract

Young people have gone unnoticed in society for a long time, and those living in the countryside have been almost invisible. This study starts from the following research

question: How do young people from the countryside in the municipality of Guanambi-Bahia think and/or develop their life projects? The work sought to analyze the life projects of rural young people in this municipality to understand the factors that influence them in times of uncertainty. Regarding the staying in the country, the study showed that the factors that influence the idealization of life projects of the young people interviewed in the study are of emotional nature. It is expressed by the desire to form a family and invest in countryside, close to loved ones. On the other hand, aspects such as the lack of employment and public policies, as well as the difficult access to essential services such as health, education and leisure are factors that make them want to leave the countryside for the urban area.

Keywords: countryside and city, rural youth, life projects.

Resumen

Las juventudes pasaron desapercibidas en la sociedad durante mucho tiempo y, casi invisibles, aquellas residentes en el campo. En este sentido, este estudio parte de la siguiente pregunta de investigación: ¿Cómo piensan y/o desarrollan sus proyectos de vida los jóvenes del campo del municipio de Guanambi-Bahia? Para responder a esta y otras preguntas, el trabajo buscó analizar los proyectos de vida de los jóvenes rurales del municipio de dicho municipio, con el fin de comprender los factores que influyen en ellos en tiempos de incertidumbre. Esta es una investigación con un abordaje cualitativo, realizada a través de entrevistas narrativas con diez jóvenes del campo. La investigación señaló que los factores que influyen en la idealización de los proyectos de vida de los/las jóvenes interlocutores/as de la investigación, con vistas a la permanencia, son de carácter afectivo, expresados en el deseo de formar familiar e invertir en el campo, cerca de las personas queridas. Por otro lado, aspectos como la falta de empleo y de políticas públicas, así como el difícil acceso a servicios esenciales como salud, educación y ocio, son factores que evidencian sus deseos de salida del campo hacia la ciudad.

Palabras clave: campo y ciudad, jóvenes del campo, proyectos de vida.

1 Introdução

Este texto é um recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida entre os anos de 2017 e 2018, na Universidade do Estado da Bahia (Uneb) sobre juventudes e projetos de vida e a construção de trajetórias em tempos de incertezas. As juventudes, ora vistas como problema social, nas últimas décadas, vêm ganhando espaço no meio acadêmico, como objeto de estudo de várias pesquisas, tais quais as desenvolvidas por Abramo e Branco (2005), Miranda (2014), Sousa (2016), Trindade (2015), Volpato (2015), dentre outros/as.

As juventudes passaram despercebidas pela sociedade durante muito tempo, e aquelas residentes no campo, quase invisíveis. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2020, uma população de aproximadamente 6,7 milhões de jovens entre 16 e 32 anos mora no campo.

Historicamente, existe um grande fluxo migratório campo/cidade, motivado por diversos fatores, porém, muitos/as jovens, mesmo em meio a dificuldades, preferem

permanecer junto às suas famílias, dando continuidade aos trabalhos na propriedade rural e construindo seus projetos de vida nos seus espaços de origem.

Ao referirmos a projetos de vida, apesar da concepção poder remeter a emprego, é necessário fazer uma distinção, pois, segundo Alves e Dayrell (2015, p. 3), “falar em projetos de vida não pode se limitar a falar em profissão. Afinal, a vida não se resume a trabalho”. Na concepção desses autores, projetos de vida assumem outras dimensões, carregadas de valores, tanto individuais quanto dos grupos sociais, condição humana e afetividade.

Essa afetividade é, muitas vezes, determinante nos momentos de escolhas pessoais e profissionais dos/as jovens do campo, uma vez que isso implica em ficar próximo ou se distanciar- de seus familiares e das pessoas que sempre fizeram parte de suas vidas. No entanto, fatores como políticas públicas, socialização, trabalho e escolarização também podem influenciar nos momentos de construção dos seus projetos de vida.

Os/as jovens trazem consigo seus projetos de vida individuais. Contudo, esses projetos para os/as jovens que residem nas cidades são diferentes dos que moram no campo, pois vivem realidades e têm acesso a oportunidades distintas.

Com vistas à compreensão dessa problemática, indagamos: Como os/as jovens do campo do município de Guanambi-Bahia pensam e/ou constroem seus projetos de vida? Que fatores levam/levariam os/as jovens do campo no município de Guanambi a saírem ou permanecerem no campo? Quais os desafios e perspectivas desses/as jovens?

Neste estudo, procuramos identificar os projetos de vida dos/as jovens do campo e investigar os fatores que influenciam a construção de seus projetos de vida, no sentido de perceber a relação deles com a permanência e/ou saída do campo para a cidade.

2 Das questões metodológicas da pesquisa

Nesta seção, apresentamos os caminhos trilhados pela pesquisa sobre os projetos de vida de jovens moradores/as do campo.

A abordagem metodológica utilizada se pautou na pesquisa qualitativa, no intuito de analisar os projetos de vida de jovens moradores/as do campo no município de Guanambi, Bahia. Segundo Creswell (2007, p. 26), “a pesquisa qualitativa é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um determinado problema social ou humano”. Assim, “a pesquisa qualitativa trabalha o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2009, p. 21).

Com vistas a analisar os projetos de vida de jovens moradores/as do campo, em

um primeiro momento elaboramos questionários¹ com questões abertas e fechadas, que foram aplicados com os/as jovens dos municípios que compõem o Território de Identidade Sertão Produtivo da Bahia². Para este artigo, utilizamos dados do município de Guanambi, em razão de ser o local de residência do estudante pesquisador.

Apenas dez jovens do campo guanambienses responderam ao questionário. Portanto, foram eles os escolhidos para as entrevistas coletivas. A entrevista é “uma técnica de coleta de dados em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas ou lança temas para que ele reflita e fale sobre os mesmos (Borges; Taquette, 2020, p. 95). Essa técnica propiciou momentos de vivências, expressão das percepções dos/as jovens acerca dos projetos de vida, sentimentos e interpretações da realidade.

A comunidade de Mulungú, onde esses jovens residem, recebe esse nome em referência a uma árvore existente na localidade, no início da povoação, segundo informações dos/as moradores/as mais antigos/as.

Eles também relatam que essa comunidade começou por meio da aquisição de terras por um grupo de amigos e parentes que residia na região do município de Caetité, Bahia. Em troca de mão de obra, conseguiu posse de terras, passando-as para as novas gerações. Distante cerca de 12 quilômetros da cidade de Guanambi, a comunidade de Mulungú era composta por aproximadamente 70 famílias residentes à época da pesquisa.

No que tange à atividade produtiva da comunidade, atualmente, as famílias vivem da criação de gado leiteiro e do trabalho assalariado, em sua maioria na cidade, devido à proximidade da comunidade com o núcleo urbano. A comunidade é predominantemente composta por pequenas propriedades que se fragmentam a cada dia, em virtude da grande demanda dos/as moradores/as da cidade por espaços para construção de casa de campo, bem como pelas condições financeiras dos/as moradores que os induzem à venda de parte de suas propriedades para pessoas da cidade.

Os/as jovens moradores/as do campo, sujeitos da pesquisa, são filhos/as de lavradores/as e pequenos/as produtores/as rurais da comunidade de Mulungú. No Quadro 1, encontra-se uma breve caracterização³ dos/as jovens que participaram da pesquisa.

¹ Os questionários foram aplicados na pesquisa de iniciação científica, desenvolvida no ano de 2018, pelo estudante Romildo de Souza Fernandes, sob a orientação do professor Dr. Domingos Rodrigues da Trindade, intitulada “Projetos de Futuro dos/das Jovens do Campo no Território de Identidade Sertão Produtivo: construindo trajetórias em tempos de incertezas”. O projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética. Número do Parecer: 1.934.614 do Comitê de Ética. Aprovado em: 20/02/2017.

² Brumado, Caculé, Caetité, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Guanambi, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiú, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada de Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Tanhaçu, Tanque Novo, Urandi.

³ Os/as participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mas, para garantir o anonimato e privacidade dos/as participantes, a identificação dos sujeitos é fictícia.

Quadro 1 – Caracterização dos/as jovens participantes da pesquisa

Caracterização dos sujeitos jovens do campo no município de Guanambi	
Cássio	Servente de pedreiro, 28 anos, solteiro, cursou o ensino médio completo
Mário	Auxiliar de pedreiro tem 27 anos, é solteiro, parou de estudar no 5º ano do ensino fundamental
Marisa	Estudante, 16 anos, solteira, está cursando o ensino médio
Larissa	Dona de casa, 25 anos, casada, parou os estudos no 2º ano do ensino médio
Wagner	Atendente de supermercado, 20 anos, solteiro, possui formação em nível médio integrado ao técnico em Segurança do Trabalho.
Letícia	Auxiliar de Serviços gerais, 27 anos, casada, possui o ensino médio completo
Angélica	Atendente em padaria, 29 anos, casada, interrompeu os estudos no 2º ano do ensino médio
Bruno	Estudante, 18 anos, solteiro, está cursando o ensino médio técnico
Laura	Agente Comunitária de Saúde, 28 anos, casada, possui o ensino médio completo
Vera	Trabalhadora rural, 25 anos, solteira, possui o ensino médio completo

Fonte: Elaboração própria (2024).

Conforme podemos visualizar no Quadro 1, participaram das entrevistas seis mulheres; dessas, quatro eram casadas, três já haviam concluído o ensino médio e uma desistiu de completar essa etapa do ensino formal. Entre as duas solteiras, uma concluiu o ensino médio e a outra estava cursando, à época da pesquisa.

Dentre os quatro homens, dois concluíram o ensino médio, um estava cursando o médio técnico e um desistiu da escolarização formal no ensino fundamental, todos solteiros. De um modo ou de outro, os/as jovens estão construindo suas trajetórias a partir de seus projetos de vida, seja na perspectiva do trabalho, do estudo ou constituindo suas próprias famílias.

3 Juventudes(s): algumas reflexões conceituais

A categoria juventude é definida por meio de vários conceitos pelos estudiosos que atuam nesse campo de pesquisa. As teorias críticas apontam que a juventude não pode ser definida apenas pelo fator etário, visto que nem todos os sujeitos dentro de determinada faixa de idade possuem as mesmas oportunidades.

Nessa perspectiva, segundo Pais (1999, p.139), “como as teorias, também os conceitos são paradoxos, até no sentido em que se multiplicam para cobrirem aparentes

unidades da realidade”. Assim, admitem-se flexibilidades em relação às definições da categoria juventude, podendo haver, portanto, algumas adequações inerentes às variáveis presentes em cada segmento da sociedade, pois algumas definições são contraditórias em relação ao contexto em que se encontram determinados sujeitos jovens.

Nesse sentido, “utiliza-se o termo *juventudes* para dar conta dessas diferenças: se existem juventudes, existe também a necessidade de práticas diferenciadas, que deem suporte à diversidade” (Mondelli; Soares; Lisboa, 2011, p. 50, grifo dos autores). Na juventude, quando determinada apenas por fatores etários, os sujeitos pertencentes a uma dada faixa de idade estariam subordinados às determinações do seu tempo.

A abordagem de juventude apenas por esse fator traz incoerências, pois, segundo Bourdieu (1983, p. 112), “as classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar”. Assim, seriam necessários estudos em torno da idade, do sexo e da classe pertencentes, já que todas essas categorias juntas não apresentariam os mesmos significados.

No tangente ao fator idade, segundo Castro *et al.* (2009, p. 41), “a classificação etária é recorrente na definição de juventude, construída a partir de limites mínimos e máximos de idade”. Esses autores ressaltam, ainda, que essa corrente que tem como base os fatores etários foi regular em pesquisas nos anos de 1960. Dessa forma, partindo da classificação da juventude com base no fator idade, alguns órgãos governamentais e não governamentais, nacionais e internacionais, delimitaram as idades que compreendem o período da juventude.

O recorte etário de 15 a 24 anos, adotado por organismos internacionais, como OMS e Unesco, procura homogeneizar o conceito de juventude a partir de limites mínimos de entrada no mundo do trabalho, reconhecidos internacionalmente, e limites previstos de término da escolarização formal (básico, médio e superior). O recorte da juventude a partir de uma faixa etária específica é pautado pela definição de juventude como um período de transição entre a adolescência e o mundo adulto. (Castro *et al.*, 2009, p. 41)

A idade que abrange as juventudes é algo indeterminado, visto que existem vários conceitos e interpretações em torno dessa categoria. Segundo Bourdieu (1983, p. 112), “[...] as divisões entre idades são arbitrárias”. A “Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (Unesco) considera jovem a pessoa na faixa de idade entre 15 e 24 anos; já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) compreende como jovem quem está na faixa de idade dos 12 aos 18 anos” (Volpato, 2015, p. 50). Dessa forma, cada um desses órgãos possui uma intencionalidade na classificação dessa categoria social.

A Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013, que instituiu o Estatuto da Juventude e

dispõe sobre os direitos dos/as jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve) no Brasil, estabelece no capítulo 1, §1º, que são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. Esse é o recorte etário mais praticado nos estudos e nas políticas públicas sobre juventude no Brasil atualmente.

Entretanto, segundo Castro *et al.* (2009, p. 45),

[...] podemos compreender juventude como aqueles que vivem o mesmo processo histórico e cultural, que possuem certa identidade decorrente do lugar que ocupa na sociedade, mas vivencia a juventude de forma diferenciada, pois as variáveis de gênero, etnicidade, religião, classe, responsabilidades, expectativas fazem parte da definição de quem é visto ou considerado jovem.

Por essas razões, alguns estudiosos da temática ressaltam que não se deve referir à juventude no singular, mas a juventudes no plural, pois os sujeitos que estão inseridos nessa faixa de idade possuem características diferentes. Nessa perspectiva, para o/a jovem que reside no campo, as especificidades dizem respeito, por exemplo, às oportunidades que os diferem dos/as jovens que sempre viveram nos centros urbanos.

Dessa forma, os seus anseios e projetos de vida também podem apontar para rumos diferentes, assim como os/as jovens das periferias podem querer seguir rumos diferentes daqueles que sempre viveram em espaços de alto padrão. Nesse sentido, “as definições sobre ‘o que é ser jovem quem e até quando pode ser considerando jovem’ tem mudado no tempo e são sempre diferentes nas diversas culturas e espaços temporais” (Novaes, 2006, p. 105).

Referindo-se aos/às jovens do campo, Menezes, Souza e Pereira (2012, p. 4) apontam: “o jovem rural é visto na sociedade como aquele que vive no campo; como filho de agricultor e pequenos produtores sem-terra”. Embora vistos na sociedade com essas características, os/as jovens do campo também possuem outras especificidades, a depender do contexto e situação social, econômica, cultural e política em que vivem.

Desse modo, as juventudes camponesas são compreendidas como aquelas com suas mais variadas formas de produções da vida: agricultores/as familiares, extrativistas, pescadores/as artesanais, ribeirinhos/as, assentados/as e acampados/as da reforma agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros (Brasil, 2008). Logo, é necessário compreender as juventudes do campo como uma categoria “ligada a um meio social, econômico e cultural específico” (Paulo, 2011, p. 73).

Segundo Volpato (2015, p. 52), as culturas juvenis do campo “[...] apresentam-se de diversas maneiras e em contínuo movimento, seja no modo de falar, de participar na vida familiar ou comunitária, na vida religiosa, no esporte, na comunidade, na escola, na maneira

com que lidam com o trabalho na produção familiar”. Esse campo a que pertencem os/as jovens “[...] é heterogêneo, multifacetário e multidimensional, necessitando ser entendido em sua especificidade” (Paulo, 2011, p. 73).

Nos últimos anos, as juventudes vêm se destacando, principalmente no meio acadêmico, em que inúmeras pesquisas (Sousa, 2016; Trindade, 2015; Volpato, 2015; Weller, 2014) foram desenvolvidas no tocante às especificidades dessa categoria social. Nessa perspectiva, podemos ressaltar que as juventudes do campo, “até pouco tempo, era uma categoria invisível. Hoje, constitui um objeto no campo acadêmico, é percebida na sociedade brasileira como uma categoria social, mas pouco identificada como uma categoria política” (Castro *et al.*, 2009, p. 19).

Esses autores ressaltam que a representação da juventude no campo das políticas, por algum motivo, ainda é muito pequena, embora tenha crescido com a luta e o movimento dos diferentes sujeitos organizados no campo, inclusive impulsionado pelo movimento de luta pelo direito à terra e à educação do campo, a partir da década de 1990, no Brasil.

A categoria “jovem” é fortemente valorizada e constantemente acionada nos discursos dos pais, dos movimentos sociais e sindicais do campo, associada à renovação e ao futuro, como categoria-chave na reprodução da produção familiar e importante no processo de transformação social (Castro *et al.*, 2009). Apesar disso, os/as jovens são submetidos/as a determinações impostas pela sociedade.

Como representantes da esperança de futuro do país, fatores como escolarização, trabalho e políticas públicas devem também ser pautados nas discussões envolvendo juventude/juventudes, jovens do campo, visto que esses são elementos que influenciam direta ou indiretamente os processos de elaboração dos projetos de vida dos/as jovens. É sobre essas questões, que nos propomos a discutir na seção seguinte.

3.1 No campo ou na cidade: os/as jovens buscam melhores condições de vida

“Eu vejo a vida melhor no futuro”, já diz a letra da canção de Lulu Santos. E isso é o que move a sociedade e, principalmente, os/as jovens. Seu futuro é maior em relação ao dos adultos, o que faz com que cada um desses sujeitos tenha ou esteja fazendo projetos de vida.

Sobre isso, é importante ressaltar que o termo projeto, na concepção de Alves e Dayrell (2015, p. 3-4), “tem raízes na arquitetura, mas ganha lugar de destaque nas produções filosóficas na primeira metade do século XX, embasado na ideia de intensidade e justificada

na capacidade de devir dos seres humanos”. Dessa forma, nós, seres humanos, estamos sempre nos nutrindo de projetos, desde os mais simples aos mais ambiciosos.

Segundo Ribeiro (2010, p. 122),

Não é somente a vontade subjetiva nem as circunstâncias objetivas que produzem os projetos de vida, e sim as relações sujeito/mundo social que, como construções intersubjetivas e psicossociais, permitem ao sujeito organizar seu projeto de vida no espaço comum e partilhado das representações.

Os/as jovens do campo também possuem necessidades e direitos de ocuparem os diferentes espaços, aqueles que julgam os melhores para viver e conviver. É se conhecendo, que os/as jovens se dão a conhecer. Atualmente, as fronteiras entre o campo e a cidade estão desaparecendo, bem como a descoberta de que o/a jovem do campo pode ir além dos limites impostos pelas gerações anteriores.

Assim, “conhecer as estruturas externas e conhecer-se internamente é um exercício dialógico essencial na elaboração dos projetos de vida dos jovens” (Alves; Dayrell, 2015, p. 381). Conhecendo todas as possibilidades que estão ao seu alcance, os/as jovens podem escolher as que julgarem melhores e, a partir daí, construir seus projetos de vida.

Leal (2018), em um estudo sobre a saída ou permanência dos/as jovens do campo, envolvendo jovens de 11 municípios do Território de Identidade Sertão Produtivo (Brumado, Caculé, Caetité, Candiba, Guanambi, Ibiassucê, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Palmas de Monte Alto, Pindaí e Urandi), apontou, majoritariamente, que os/as jovens projetam estudar e formar, depois trabalhar, formar família, ser independentes financeiramente, ter uma carreira bem-sucedida e ajudar a família.

O estudo apontou que, embora haja muito sentimento de pertencimento ao campo por parte dos/as jovens moradores/as dos 11 municípios, lócus da pesquisa, por meio das carreiras profissionais almejadas por eles/as, a maioria dos projetos de vida está voltada para a saída desse espaço, uma vez que no campo não há instituições de ensino superior. No entanto, existe a possibilidade de eles/as estudarem na cidade, residindo no campo, ou ficarem durante o período formativo na cidade, retornando quando da conclusão dos estudos.

Quanto aos/as jovens da comunidade Munlungú, os seus projetos de vida vão além dos aspectos profissionais, alguns pretendem:

Estudar um pouco mais, ter mais conhecimento e formação de escola, assim... E, quem sabe, melhorar de vida, financeiramente e ter uma família! Pretendo mesmo é trabalhar e estudar... (Cássio, 28 anos, informação verbal).

Moço... Projeto de vida... Sei lá... É trabalhar aí, comprar alguma coisa pra poder sobreviver na roça (Mário, 27 anos, informação verbal).

São nítidas as diferenças nos projetos que aparecem nas falas dos jovens. Enquanto os projetos de um jovem estão voltados para os estudos, qualificação profissional, sucesso financeiro e, posteriormente, a constituição de uma família, os projetos de vida do segundo jovem é trabalhar no campo, adquirir “coisas” que possam subsidiar a sua renda no campo, sem precisar sair para trabalhar no meio urbano.

Segundo Alves e Dayrell (2015, p. 379), “a realização do projeto se consubstancia através da identidade e do conhecimento da realidade na qual o sujeito vive e, ainda, dos meios de que dispõe para garantir sua sobrevivência”. Com efeito, o jovem Cássio, que já concluiu o ensino médio, tem como projetos de vida continuar os estudos e constituir uma família. Esse jovem não possui terras em que possa realizar atividades lucrativas no campo.

Diferente de Mário, que desistiu da escola no ensino fundamental para trabalhar, possui espaços na propriedade da mãe para desenvolver atividades produtivas no campo e tem seus projetos voltados para a criação de animais, seguindo o modelo do irmão que já pratica essas atividades.

Os demais jovens participantes da pesquisa possuem também seus projetos de vida:

Investir no campo também, porque, como eu falei, está sendo desvalorizado hoje em dia... É isso, né, fazer alguma coisa que meu pai faz, algo que dê retorno aqui dentro do campo mesmo (Marisa, 16 anos, informação verbal).

Arrumar a casa, comprar um carro, aumentar a família, ter pelo menos mais um filho. Ser dona de casa mesmo (Larissa, 25 anos, informação verbal).

O investimento no campo também é apontado como projeto de vida pela jovem Marisa, de 16 anos. Acostumada a acompanhar a lida do pai na propriedade, ela sabe que é possível sobreviver e conseguir uma boa renda investindo nesse espaço, contradizendo os que insistem em afirmar que o campo não oferece condições de subsistência, que está em fase de extinção.

Entretanto, a jovem Larissa, com seus 25 anos, tem como projetos de vida seguir como dona de casa e investir em melhores condições de moradia, adquirir um veículo e ter mais um filho para completar a família.

Diversos são os projetos de vida dos/as jovens residentes no campo, que vão desde à formação escolar a melhorar sua condição de moradia no campo. Porém, existem projetos de vida que vão por outra direção:

O futuro é algo incerto, só que a gente tenta preparar um plano de vida, um plano de carreira, e nesse plano meu tem, sim, uma parte que eu posso revelar. Eu quero, sim, ter uma casa na cidade, ter um lar assim que eu possa... Justamente por causa disso: por conta do acesso ao lazer, o acesso à educação mais próximo; o acesso, talvez à saúde, o acesso ao trabalho, realmente, porque no sítio a gente não tem tanta, tantas oportunidades assim, mas ter, sim, o sítio lá para o final de semana a gente passar, passar junto com a família, e ter também um local onde ofereça assim, a paz, a tranquilidade [...]. Quando você tem um sítio, você começa a viver melhor, a respirar melhor, a sentir algo diferente, então, eu penso assim, em estar nos dois lugares, porém, um tenha vida que a gente quer levar, ter as coisas... Ter as perspectivas de vida melhor, sim, junto com uma família que eu pretendo ter também e é isso. Aqui, a gente tem acesso à igreja, e, não deixando a desejar também o campo, dizer que o campo não oferece coisas boas hoje, porque já está bem evoluído, tem água, tem luz, tem muitos... Quero, sim, fazer uma faculdade, procurar melhorias, realmente um bom emprego para que a gente possa dar um certo conforto para construir uma família (Wagner, 20 anos, informação verbal).

As colocações do jovem Wagner são muito reveladoras, apontam os motivos pelos quais seus projetos de vida estão voltados para o campo e para a cidade. Segundo ele, a permanência no campo não é viável pela falta de espaços de lazer, trabalho, saúde e educação, mas diz não se sentir tão à vontade na cidade como no campo. No entanto, é o local que tem a igreja da sua denominação e o emprego do qual depende o seu sustento. Então, seu projeto de vida está voltado para a aquisição de uma casa na cidade, de forma que ele possa ter acesso a todos os serviços essenciais, como os já mencionados, bem como um lugar no campo para passar os momentos de folga com a família, também parte de seus projetos de vida, para aliviar o estresse que o ambiente da cidade traz no seu dia a dia.

Neste sentido, projeto de vida é, também,

um movimento do despertar, por parte dos jovens, de outros interesses, diferentes daqueles da infância, em virtude das transformações psíquicas pelas quais estão passando. É aí que emerge um impulso por independência e o desejo por emancipação em relação ao mundo adulto, o qual leva o sujeito à necessidade de fazer planos ou de ter projetos (Alves; Dayrell, 2015, p. 378).

Para esses autores, com o passar do tempo, em contato com diferentes realidades e amadurecimento de suas perspectivas, os/as jovens redirecionam seus projetos de vida para aquilo que faz parte da sua rotina. Os projetos de vida dos/as jovens estão relacionados a como eles veem a realidade, o mundo. Diferente dos projetos de vida do jovem Wagner, Letícia e Angélica, que pretendem permanecer no campo e encontrar meios de produzir e tirar seu sustento no meio rural. Assim são suas colocações:

Meu projeto de vida, por enquanto é continuar morando aqui na roça, e, futuramente a gente tem esperança de trabalhar na terra, tirar o próprio sustento da terra. Tipo, ter um recurso no campo mesmo (Letícia, 27 anos, informação verbal).

Meu projeto de vida é trabalhar pra fazer minha casa, ter uma condição boa assim, pra ver se consigo fazer alguma coisa aqui pra não precisar está indo trabalhar lá. Arrumar uma coisa aqui pra fazer, desenvolver alguma renda aqui para não precisar tá indo todo dia e voltando (Angélica, 29 anos, informação verbal).

Mesmo em meio às dificuldades ocasionadas pelo clima semiárido da região, as jovens cultivam o desejo de produzir no campo o suficiente para que não necessitem sair para a cidade em busca de emprego. Nesse sentido, desejam desenvolver atividades no campo que possam fomentar sua sobrevivência e substituir os serviços que são obrigadas a realizar na cidade, além da construção da casa própria no campo.

Nessa dinâmica, Miranda (2014, p. 59) destaca que

[...] o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Ao contrário, é formulado dentro de um campo de possibilidades, que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico que trabalha com a dimensão individual e coletiva e abarca não apenas o futuro, mas as dimensões do passado e do presente.

Ao considerar esses aspectos dos projetos de vida, as jovens casadas, que são filhas e mães de família, trabalham no meio urbano e fazem o percurso de 12km (doze quilômetros) de ida e volta diariamente, acham essa rotina muito cansativa. Segundo Volpato (2015, p. 54), “no caso das mulheres trabalhadoras casadas, a divisão social e sexual do trabalho faz com que a responsabilidade pelas atividades domésticas e pelos filhos signifique uma dupla jornada de trabalho”. Por isso, essas jovens buscam, juntamente com seus cônjuges, meios de desenvolverem uma renda no campo, para que possam ficar por mais tempo em suas residências.

Os projetos de vida dessas jovens se diferem dos projetos dos jovens homens.

Meus projetos de vida é estudar, conseguir me formar em direito e me estabelecer financeiramente, socialmente e familiarmente (Bruno, 18 anos, informação verbal).

Meu projeto de vida? Fazer o Enem... Meu projeto de vida é estudar mais, conseguir um... Estudar mais, na verdade, eu queria um curso de assistência social, porque, como eu já tenho o meu emprego, eu queria acrescentar no plano de carreira que, na verdade, já está pedindo alguma escolaridade a mais, e eu não tenho, eu só tenho o ensino médio. Porque, na situação dos dias de hoje, trabalho difícil, eu imagino que o meu trabalho hoje... Esteja exigindo mais formação do que eu já tenho. Mais ou menos. Sou aquela pessoa que fica indecisa, mas acho que sei. Então, é aquele caso de voltar a estudar (Laura, 28 anos, informação verbal).

O projeto de vida do jovem Bruno é conseguir uma formação em um curso de direito e, conseqüentemente, estabilidade em todos os aspectos. Ao apontar que pretende se estabelecer ‘familiarmente’, o jovem sugere a constituição de uma família no futuro. No entanto, para isso, ele pretende obter sucesso em sua formação e carreira profissional.

No caso da jovem Laura, que já trabalha no setor público, seu projeto de vida é agregar conhecimentos sistematizados ao seu plano de carreira. Para tanto, ela pretende concluir um curso de serviço social, pois sua formação no ensino médio não lhe traz mais segurança para o exercício da função, visto que a maioria de suas colegas de trabalho já possuem cursos de níveis técnicos e superior.

Essa jovem também não descarta a possibilidade de atuar na sua futura área de formação. Como é uma jovem mãe e trabalhadora, sua única alternativa, segundo ela, é optar por um curso que ofereça a modalidade à distância. O que se observa na pesquisa é que a maioria dos/das jovens já tem seus projetos de vida idealizados. Vera (25 anos, informação verbal) ressalta que pretende

[...] fazer uma casa, ter uma família... Eu estou com vontade de fazer uma horta, mas não é um projeto de vida isso não, né?! É uma ideia. Só isso. Pretendo fazer uma horta com algumas verduras, é uma ideia. No futuro, no futuro, eu não pensei ainda.

O projeto de vida é uma questão fundamental para qualquer ser humano que se posiciona de maneira crítica e coerente diante de si e do meio onde vive. Tal questão, para os/as que se encontram nas juventudes, é um grande desafio (Furlani; Bomfim, 2010). Nesse sentido, a jovem Vera, especificamente, apesar de relatar não ter ainda definido os seus projetos de vida, ressaltou que pretende fazer uma casa, constituir família e plantar algumas hortaliças, o que entendemos como parte de projetos de vida.

A permanência no meio rural ou a saída desse meio implica em complexas escolhas que envolvem os projetos familiares e as relações que se estabelecem entre a sociedade mais ampla e a vida local e que se traduzem nas expectativas geradas e nas possibilidades efetivas de emprego, de educação, de acesso a bens e serviços básicos (Trindade, 2015, p. 112).

As motivações, então, para a saída ou permanência dos/as jovens do seu espaço seriam a busca por serviços essenciais ausentes no campo, como saúde, educação e emprego, em contraposição aos projetos familiares de sucessão rural, que têm como esperança a sequência dos trabalhos no campo pelos/as jovens, tirando da terra o sustento da família.

Nessa dinâmica, a falta de perspectivas no campo, gerada pelo pouco espaço e recursos (tanto naturais como financeiros) disponíveis para os/as jovens tocarem seus projetos no meio rural, fazem com que muitos deles/as que, muitas vezes, nunca tiveram

contato com a produção no campo, não tenham interesse por esse trabalho.

No entanto, esse aspecto não tem relação com o interesse em viver no campo, visto que alguns/as jovens o veem como espaço de moradia, de vida, e não como fonte de renda. Porém, existem aqueles/as ainda que, trabalhando na cidade, pretendem conseguir uma renda extra ou definitiva no campo.

Assim, os projetos vida dos/as jovens moradores/as do campo que participaram deste estudo estão voltados para a permanência. Embora alguns/as tenham interesses em prosseguir com os estudos, em conseguir um emprego melhor, não pretendem perder o vínculo com o campo que foi/é seu berço.

Mesmo diante da falta de oportunidades, de políticas públicas de fortalecimento do campo, direcionadas às juventudes, “não é o fim da história”: parte dos/as jovens que vive no campo ainda idealiza projetos de vida sem perder o vínculo com o campo.

4 Considerações in(conclusivas)

Este estudo mostrou a diversidade dos projetos de vida dos/as jovens moradores/as no campo, no município de Guanambi, no estado da Bahia. Os sujeitos participantes da pesquisa apontaram os fatores que os influenciam nos momentos de tomadas de decisões, embora saibam que suas trajetórias são marcadas pelas incertezas dos tempos atuais.

Compreendendo que projetos de vida são carregados de valores tanto individuais como dos grupos coletivos, os projetos dos/as jovens relacionados às escolhas profissionais, estão, em sua maioria, relacionados à saída do campo para a cidade.

O estudo indica ainda que as juventudes camponesas projetam a constituição e/ou aumento da família; ampliação dos estudos, no sentido de adquirir formação em nível superior nas diversas áreas do conhecimento; construção e ampliação das residências no campo, bem como investimentos a fim de fomentar a permanência no espaço camponês, sem que haja necessidade de sair para trabalhar em ambientes urbanos.

Nessa dinâmica, os fatores que influenciam na idealização dos projetos de vida dos/as jovens moradores/as no campo participantes da pesquisa são os de caráter afetivo, como constituição familiar e investimento no campo próximo aos seus entes queridos. Esses fatores incidem no pensar projetos de vida com vistas à permanência no campo.

Os aspectos subjetivos, que se expressam pelos desejos de aquisição de conhecimentos de níveis mais avançados, historicamente negados aos povos do campo no campo, e escassez de acesso aos serviços essenciais como saúde, educação, segurança e lazer

são fatores que explicitam o desejo de saída do campo pelos/as jovens para a cidade.

O trabalho aqui apresentado não pretende esgotar a discussão sobre os projetos de vida desses/as jovens, e, sim, dar espaços para que fossem ouvidas as vozes desses sujeitos, que, muitas vezes, são forçados a saírem de seu espaço para trabalhar e/ou estudar na cidade. Nesse sentido, ressaltamos a necessidade de maior aprofundamento nos estudos sobre as juventudes camponesas, que lhes dê mais visibilidade e que eles/as possam inserir-se nas discussões, expondo seus pontos de vista, anseios e opiniões a respeito das diversidades que os permeiam na sociedade.

Referências

- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perceu Abramo, 2005.
- ALVES, M. Z.; DAYRELL, J. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. *Educ. Pesqui.*, v. 41, n. 2, p. 375-390, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/zdrYMY7tZzdtfw7sTkPRNTD/?lang=pt>. Acesso em: 03 set. 2024.
- BORGES, L.; TAQUETTE, S. R. Técnicas e instrumentos de coleta de dados e plano amostral. In: BORGES, L.; TAQUETTE, S. R. *Pesquisa qualitativa para todos*. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 93-114.
- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRASIL. Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. In: *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 28 de abril de 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/resolucao_2.pdf. Acesso em: 25 out. 2018.
- BRASIL. Lei nº 12.852 de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – Sinajuve. In: *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 5 de agosto de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 20 set. 2018.
- CASTRO, E. G. *et al.* *Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político*. Rio de Janeiro: Edur, 2009.
- CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FURLANI, D. D.; BOMFIM, Z. Á. C. Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. *Psicologia & Sociedade*, v. 22, n. 1, p. 50-59, 2010.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/7w4rnpagg35X9zKBGP8rsMDx/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 10 ago. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/IBGE), 2020. *Juventude no campo*: demanda essencial para o país exige políticas públicas adequadas. Disponível em:

[https://www.brasildefato.com.br/2023/04/24/permanencia-de-jovens-no-campo-e-essencial-para-o-brasil-mas-demanda-politicas-publicas#:~:text=os%20impactos%20disso.-,As%20%C3%A1reas%20rurais%20brasileiras%20s%C3%A3o%20lar%20de%20aproximadamente%206%2C7,PNAD%2FIBGE\)%20de%202020](https://www.brasildefato.com.br/2023/04/24/permanencia-de-jovens-no-campo-e-essencial-para-o-brasil-mas-demanda-politicas-publicas#:~:text=os%20impactos%20disso.-,As%20%C3%A1reas%20rurais%20brasileiras%20s%C3%A3o%20lar%20de%20aproximadamente%206%2C7,PNAD%2FIBGE)%20de%202020). Acesso em: 03 de set. 2024.

LEAL, M. E. T. *Juventudes do campo no Território de Identidade Sertão Produtivo*: trajetórias escolares. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica. Salvador: Universidade do Estado da Bahia (Uneb), 2018.

MENEZES, A. E. N.; SOUZA, B. S. de; PEREIRA, V. S. S. Perspectivas da juventude rural no ensino superior. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”. 6., São Cristóvão - SE, 20 a 22 de setembro de 2012.

Anais... São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2012. p. 1-11.

MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. In: Minayo, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 28.ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 9-20.

MIRANDA, E. L. *Protagonismo, participação e projetos de vida*: movimento dos jovens agroecológicos no município de Araponga-MG. 2014. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, 2014.

MONDELLI, M. T.; SOARES, D. H. P.; LISBOA, M. D. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.63, n. spe., p. 1-104, 2011. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/277751439_Juventude_e_projeto_de_vida_novas_perspectivas_em_orientacao_profissional. Acesso em: 10 ago. 2024.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M. de; EUGENIO, F. (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p.105

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. *Análise Social*, v. 25, n. 105-106, p. 159-165, 1999. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/282670420_A_Construcao_Sociologica_da_Juventude_-_alguns_contributos. Acesso em: 10 ago. 2024.

PAULO, M. de A. L. de. **Juventude rural**: suas construções identitárias. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

- RIBEIRO, M. A. A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 5, n. 1, p. 120-130, jan./jul. 2010. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/revista_ppp_lapip/revista_volume_5_numero_1.php. Acesso em: 10 ago. 2024.
- SOUSA, K. C. de. *Percursos e projetos de vida das juventudes egressas da escola do campo*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.
- TRINDADE, D. R. da. *Constituição social do ser jovem camponês no contexto de assentamentos da reforma agrária na microrregião Guanambi, Bahia*. 2015. Tese (Doutorado em Educação na área de confluência – Educação e Ecologia Humana) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- VOLPATO, T. B. *Juventude rural, gênero e educação: reflexões sobre jovens catarinenses e seus projetos de futuro*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.
- WELLER, W. Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (Orgs.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 135-154.

Revisão textual: Dayse Ventura Arosa

Submetido em: 03/10/2024

Aprovado em: 20/12/2024